AVEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1960 ✶ ANO VI ✶ N.º 278

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO SANTOS • PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», RUA DE HOMEM CRISTO, 17 A 25 — TELEFONE 23886

O drama da CLASSE MÉDIA

Um artigo de
ALVES MORGADO

O drama da classe média... O sofrimento da classe média... Eis um tema sempre em voga, óptimo para espinha dorsal de suculentos artigos de fundo e de pequenas palestras dos sociólogos de café. O drama da classe média! Admira que o fado não se tenha apoderado do mote, glosando-o em décimas sentimentais, ao som plangente das guitarras. Na voz profundamente patética da sr.ª D. Amália — seria um êxito garantido. Mas há alguém que tenha uma noção exacta da classe média? É possível aceitar, sem controvérsia, o mítico sector social inventado por alguns metafísicos da sociologia?

Antes de mais nada: no domínio do gregarismo compartimentado, que se entende por classe? Os sociólogos gaguejam, quando tentam a definição. Uns, consideram-na categoria profissional. Outros dão-lhe um significado de casta. Tratadistas mais objectivos vêem as classes como agrupamentos escalonados segundo o nível de vida. Um quarto elenco de sociólogos inclina-se para agrupar os indivíduos de acordo com a analogia das funções no processo produtivo, o que pressupõe as mesmas fontes de rendimento. Para o marxismo, a diferenciação das classes assenta na posse dos meios de produção. Alguns conceitos de classe colocam-nos em face de incongruências paradoxais. Por exemplo: o nivelamento do latifundista com o cavador, do banqueiro com o seu empregado, do armador multimilionário com o moço da estiva. Faça-se uma pequena transposição dos figurantes. Latifundista, banqueiro e armador, dum lado; estivador, empregado bancário e cavador, do outro. Nesta imensa arca de Noé que rola à volta do Sol, os três primeiros ocupam as classes de luxo; os três últimos viajam no porão. Mas estaremos diante da concepção ideal de classe? Muito longe! A que distância se encontra, por exemplo, um bravo lavrador lusitano, por mais próspero que seja, do armador grego Aristóteles Onassis? Que figura fará qualquer banqueiro da nossa praça ao lado de um «rei do petróleo» como Calouste Gulbenkian? Onassis pode comprar uma ilha para seu exclusivo logradouro, pode ter iates e aviões quadrimotores para seu uso pessoal, pode comprar primas-donas da ópera de Milão. O nosso banqueiro pode ter em casa seis criadas com seis casas de banho privativas. Pode ter também ricas portas de pau-santo com puxadores de ouro maciço. Mas não vai mais longe.

O outro grupo — o que viaja no porão da arca — não é menos isento de contrastes, que impõem a fissiparidade em subclasses. Se é económico o factor de diferenciação, temos de reconhecer que o cavador está, infelizmente para ele, muito abaixo do estivador e do empregado bancário. Por outro lado, este último tem, pelo menos, o segundo ciclo dos liceus, se não frequência de um curso superior, enquanto os outros só há pouco começaram a frequentar um curso de analfabetos adultos.

No meio deste denso mata-

Continua na página 5

Hospedarias Aveirenses no SÉCULO XV

pelo DR. JOÃO FERNANDES

ANUNCIA-SE jubilosamente a construção em Aveiro de um novo hotel — um edifício sumptuoso, de seis andares, com primores de equilíbrio e elegância e com requintes de higiene e conforto.

Vem a propósito recordar que ainda há pouco (há precisamente... quatrocentos e sessenta e dois anos) não havia no burgo milenário uma única casa do género — mesmo térrea, mesmo sem água canalizada, sem luz eléctrica e sem ar condicionado...

Não constituirá isto, certamente, grande... novidade; mas suponho que o mais da lembrança irá em primeira mão.

Guarda-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo uma carta de capítulos especiais apresentados a D. Manuel I, em cortes, pelos procuradores aveirenses.

No curioso documento, datado de 16 de Março de 1498, encontram-se referências de grande importância à urbanização da antiga vila, assunto que já ao tempo merecia sérios cuidados, e à protecção devida, e felizmente dispensada, aos navios da considerável frota local.

Mas o que por agora interessa é o que então se pediu e determinou relativamente à «onesta» hospedagem dos forasteiros:

«*Quanto ao outro Capitollo em que dizees que hos moradores desa villa ou a mayor parte delles sam trautâtes e mareantes, e que a mayor parte do anno andam fora de suas casas e ficam suas molheres e quando os Corregedores e alçada veem aa dicta villa estam nella sete ou oyto meses e vos tomam vossas casas ecc.ª, no que reçebees grande agrauo. E que nam querem comer os mantimentos pollo estado da terra majs que antes os pagam como querem. E nos pedies que mandasemos que nenhũ Corregedor nem alçada nom estê na dicta villa mais de vynte dias. E se contentasem de onestas pousadas. E que comessem pollo estado da terra e nam pousasem com molheres que na dicta villa nam fossem os maridos, nem viuvas*».

Antes de registar a resposta do Rei Venturoso, convém fazer a este capítulo umas brevíssimas anotações.

Naquele final do século XV, a população aveirense — que andaria, segundo fundadamente suponho, à roda de umas 11 000 almas — era

Continua na página 3

Esteve em Aveiro o MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

Sobre a recente visita do ilustre Ministro das Obras Públicas a Aveiro, o sr. Presidente da Câmara Municipal ditou à imprensa concelhia a seguinte nota:

Vindo de S. João da Madeira, chegou a Aveiro, cerca das 2 horas da madrugada de domingo último o sr. Ministro das Obras Públicas.

Pelas 9.30 horas do referido dia, o sr. Eng.º Arantes e Oliveira, acompanhado pelo seu Secretário, sr. Eng.º Silveira Durão, e pelos srs.: Eng.º Sá e Melo, Director Geral de Urbanização; General Flávio dos Santos, Presidente da Junta Autónoma de Estradas; Eng.º Sales Henriques, dos Serviços de Construção de Estradas daquela Junta; arquitectos-urbanistas D. Maria José Moreira da Silva e David Moreira da Silva; e Eng.º Cunha Amaral, Director de Urbanização do Distrito, teve uma demorada reunião com os srs.: Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil de Aveiro; Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal; Eng.º Nóbrega Canelas, Director dos Serviços de Obras Camarárias; Eng.º Coutinho de Lima, Director do Porto de Aveiro; Arquitecto Amoroso Lopes, da Direcção de Edifícios e Monumentos Nacionais; Eng.º António Soares Director de Estradas do Distrito, e com os seus adjuntos, srs eng.os Vale e Barreira de Almeida.

Os trabalhos realizaram-se no salão nobre dos Paços do Concelho e numa sala contígua, onde se expunham várias plantas e maquetas, e onde se encontravam os respectivos processos dos projectos e obras a apreciar.

A sessão terminou depois das 13 horas, tendo sido analisados os vários problemas locais e as diversas soluções possíveis para as maiores dificuldades do esboço do anteplano de urbanização, ùltimamente remodelado.

A discussão incidiu, principalmente, sobre a comunicação da cidade com o Norte e Nascente do Distrito e a passagem sob a linha férrea — pela baixa da Fonte Nova e do Cojo até à Ponte-praça —, e o cruzamento desta nova via com o prolongamento da Rua de Caçadores Dez até à baixa do Cojo e sua ligação, por uma nova ponte, com a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

O titular da pasta das Obras Públicas nomeou uma comisão técnica especial para, dentro de sessenta dias, estudar o difícil problema do cruzamento das duas artérias da referida comunicação da cidade, ou seja, da comunicação Norte e Nascente com a meridional, das estradas de S. Bernardo e de Ílhavo, ou seja: das variantes das estradas nacionais n.os 16 (para o Porto), 109 (para Ílhavo e Figueira da Foz), 230 (para Águeda e Beiras), 235 (para Coimbra), e 335 (para a Palhaça, Cantanhede e Coimbra), respectivamente.

As duas soluções deste problema são: ou um cruza-

Continua na página 5

AGUARELA

Como é do conhecimento geral, dois grandes nomes da Literatura portuguesa contemporânea — Torga e Aquilino — foram apresentados à Academia Sueca como candidatos ao Prémio Nobel. O autor do famoso «Malhadinhas» fala-nos da região aveirense em páginas que constituem jóia incomparável das nossas Letras; mas também ao consagrado autor de «Rampa», «Bichos» e «Novos Contos da Montanha» o nosso chão seduziu: — as duas quadras que abaixo reproduzimos são do «Diário» de

MIGUEL TORGA

Campos de Aveiro.
Manchas verdes de arroz,
E a vela dum barco moliceiro
Que um pirata ali pôs.

A servir de moldura,
O velho mar cansado;
E um céu alto a descer e a ter fundura
Na quilha reluzente dum arado.

Problemas de interesse para o lavrador

A Fertilização do Arroz

EMBORA seja por todos já conhecida a acção da matéria orgânica e dos adubos químicos na técnica moderna de aproveitamento do solo, tentaremos prender hoje a atenção dos nossos leitores para o melhor emprego dos fertilizantes na cultura do arroz, que entre nós abrange, de Norte a Sul do País, uma área considerável, e na qual este granjeio é realizado por formas ou processos tão diferentes. Se há, de facto, solos dedicados a esta cultura em que o aspecto da fertilização orgânica não constitui fonte de preocupações, quer pela existência de um óptimo fundo de fertilidade natural, quer pela submersão periódica das terras com o consequente depósito de nateiros, outros existem em que se torna necessário proceder à incorporação de estrumes ou recorrer-se à prática da adubação verde com o fim de se obter no solo um teor de matéria orgânica conveniente.

Esta necessidade de matéria orgânica é variável de solo para solo; a matéria orgânica, além de actuar como melhoradora das propriedades físicas dos terrenos, igualmente fornece às plantas, em consequência da sua decomposição, uma pequena parte de alguns elementos químicos de que elas carecem para seu desenvolvimento e produção.

Vamos agora focar o problema da fertilização química, que considerámos a base do presente artigo.

A fim de podermos dar uma ideia das necessidades em elementos minerais desta planta, adoptaremos valores médios, porquanto as quantidades que lhe são atribuídas variam de autor para autor, prevalecendo porém a ideia que o consumo de azoto ocupa o primeiro lugar da escala.

Assim teremos:

Azoto.	110 kg/ha
Fósforo. . . .	61 »
Potássio. . . .	62 »
Cálcio. . . .	38 »
Magnésio . . .	25 »

O azoto é indispensável na vida das plantas; a ele se atribui a qualidade de impulsionar a multiplicação celular e, portanto, o desenvolvimento dos órgãos da planta, sendo mesmo o factor principal dum possível aumento de rendimento.

Uma deficiência deste elemento origina uma clorose ou amarelecimento dos tecidos foliares; um excesso de adubação azotada pode conduzir a desenvolvimento exagerado da parte aérea da planta, predispondo-a ao ataque de doenças e à acama por não existir nos tecidos de suporte a necessária rigidez.

O fósforo, de acção de início manifesta no desenvolvimento do sistema radicular, é, sobretudo, na interfase afilhamento maturação que ela mais se faz sentir, pelo facto das exigências da planta neste elemento serem maiores; além de favorecer também uma maturação mais precoce, tem influência marcada na produção do grão. Um papel de grande importância igualmente conferido ao fósforo é o de evitar a acama do cereal quando se empregou uma excessiva adubação azotada.

Ao potássio, de reacção difícil de identificar, pelo facto da maior parte dos solos destinados a esta cultura serem ricos neste elemento, assim como o são os nateiros frequentemente depositados nestas terras, atribui-se-lhe, entre outras, a importante propriedade de contribuir para uma maturação uniforme do grão, assim como a de evitar a acama e conceder à planta uma maior resistência às doenças.

Acerca das necessidades em cálcio e magnésio destas plantas, diremos que, em terras eventualmente corrigidas, não se considera necessária a suplementar incorporação no terreno destes elementos.

Sabe-se, também, que enquanto o azoto e o fósforo são consumidos em muito maior escala durante a fase de crescimento, mantendo-se, porém, esta absorção até à fase da maturação, no potássio, a assimilação, de princípio muito mais rápida, decresce contudo na última fase (maturação).

Conclui-se, pois, que convém pôr à disposição da planta, logo no início, estes elementos sob forma fàcilmente assimilável, de modo a não prejudicar o seu ciclo evolutivo, efectuando na altura oportuna as fertilizações de cobertura em que o azoto e mesmo o fósforo, como acabámos de ver, desempenham função preponderante.

Vamos, pois, feito este breve relato das exigências do arroz, indicar uma dose de orientação da fertilização química para os nossos solos, susceptível de ser corrigida mediante o conhecimento da análise química da terra e do comportamento desta planta em anos anteriores.

Adubação de fundo	
Sulfato de Amónio . .	250 kg/ha
Superfosfato 18 %. . .	450 kg/ha
Sulfato de Potássio. .	100 kg/ha
1.ª Cobertura (após a 1.ª monda)	
Sulfato de Amónio . .	200 kg/ha
Superfosfato 18 % . .	250 kg/ha
2.ª Cobertura (se necessário)	
Sulfato de Amónio . .	150 kg/ha

O Sulfato de Amónio em adubação de fundo pode eventualmente ser substituído pela Ureia granulada 45 % ou pela Cianamida cálcica 20, 5 %; a Ureia granulada poderá ser igualmente utilizada nas coberturas (80 a 100 kg/ha).

Sindicato Nacional

Dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Aveiro

Convocatória

No uso da faculdade que os estatutos me conferem convoco a Assembleia Geral Ordinária deste Organismo para o próximo dia 26 do corrente, pelas 14 horas, na sede sindical à Rua de 31 de Janeiro, n.º 16, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apresentação, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1959.

Não comparecendo, à hora marcada, número legal de sócios, a Assembleia Geral funcionará uma hora depois, com qualquer número.

Aveiro, 5 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Assembleia Geral,

Manuel Maria Bento

Vende-se

— casa e quintal com duas frentes. Óptimo para construir. Preço de ocasião. Informa a Redacção deste jornal e o telefone 23759.

Mobília de Quarto

Estilo «Queen-Ann», estado de nova, motivo retirada, vende-se. Tratar com Café Avenida — AVEIRO.

Terreno

Com 6 alqueires de semeadura, c/ poço e parreira c/ frente para construção de prédio, sito em Esgueira. Nesta Redacção se informa.

Câmara Municipal de Aveiro

Comissão Municipal de Turismo

Concurso dos paineis das proas dos barcos moliceiros

A Comissão Municpal de Turismo de Aveiro faz público que, em sua última reunião, resolveu repetir o concurso sobre os painéis das proas dos barcos moliceiros, no dia 27 de Março, atribuindo quatro prémios, respectivamente, Esc. 500$00, 400$00, 300$00 e 200$00, para as proas que se apresentem com os painéis mais típicos e sugestivos, quer sejam novos ou restaurados.

Este concurso efectuar-se-á pelas 14 horas daquele dia, perante o júri dos anos anteriores.

As inscrições aceitam-se no Posto de Informações da Comissão Municipal de Turismo, existente no recinto da Feira-Exposição de Março, até às 13 horas do referido dia 27 de Março.

O Presidente da Comissão Municipal de Turismo,

Humberto Leitão

Vendem-se

Duas casas, 1.º andar, gémeas, com garagem, nas R. dos Combatentes da Grande Guerra e R. de Gustavo Ferreira Pinto Basto, próximo do Palácio da Justiça — AVEIRO.

Informa a Redacção deste jornal.

ARRENDA-SE

Armazém em bom local, no centro da cidade. Informa o CAFÉ AVENIDA.

CASA

— Vende-se ou aluga-se, na Rua dos Comb. da G. Guerra. R/c., 1.º e 2.º and. e águas-furtadas, grande quintal com anexos e possibilidades duma nova construção com frente para a futura Rua Nova do Museu.

Trata-se na Av. de Araújo e Silva, 47, ou pelo telefone 22263 de AVEIRO.

CAPITANIA DO PORTO DE AVEIRO

A V E I R O

Faz-se público que se encontra aberto concurso para a venda da lancha n.º 2 da Capitania, considerada inútil para o serviço, a qual poderá ser vista, todos os dias úteis, das 14 às 17 horas, no edifício do barracão das lanchas desta Repartição.

Os interessados deverão enviar as suas propostas, até ao dia 5 de Março, em carta fechada, dirigida a esta Capitania.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1960

O CAPITÃO DO PORTO,

Amândio Pires Cabral
Capitão-tenente

Vende-se

Casa com 5 divisões e garagem, quintal e terreno para mais construção, na Estrada de S. Bernardo, próximo da caixa da água. Tratar com Abílio Morais Mónica, em Eixo.

Empregado de escritório

Precisa-se para sociedade particular, isento do serviço militar, com prática de serviços de contabilidade, expediente e dactilografia. Só interessa quem dê referências precisas de idoneidade moral e profissional. Indicar ordenado pretendido. Guarda-se sigilo caso esteja empregado.

Resposta à Redacção ao n.º 86.

Rascunho da Semana

ARMAS CONVENCIONAIS Há poucos dias, finou-se em Paris uma abastada e ressequida vèlhinha — a princesa Murat. Alguém associou este apelido a uma aristocrática marca de tabaco, recordando os esbeltos cigarros de ponta dourada que a *gente bem* da nossa terra fumou em tempos idos. A verdade, porém, é que a nobilíssima defunta descendia rectilìneamente do épico marechal Ney e desposara, outrora, um qualquer bisneto de certo plebeu que a mercê napoleónica fez Grão-duque de Berg e Rei de Nápoles. Referimo-nos, naturalmente, a Joaquim Murat — condutor máximo da tempestuosa cavalaria do Primeiro Império, terrível *dandy* que tanto deu nas vistas pelo fulgor da sua espada como pelo requinte aprimorado dos seus uniformes. Perseguindo o inimigo após o sucesso de Iena, ou comandando a carga louca de oitenta esquadrões no campo branco de Eylau, nunca deixou de ser o fascinante manequim de Tilsit — onde os imperadores, abancados para conversações decisivas, desperdiçaram preciosos momentos com a tarefa de lhe admirarem a peliça, o dólman, as botas, o penacho.

Bela época, sem dúvida! A pátria francesa, contudo, já não necessita de Bonapartes, nem de Neys, nem de Murats. A chegada de Desaix a Marengo e as combinações tácticas de Austerlitz, o êxito de Massena em Zurich e o assalto ao grande reduto em Moscóvia são bafientos «clichés» duma guerra pìfiamente produzida, uma guerra que se fazia com aço de má têmpera e feios canhões tirados a mulas. Hoje, a França — que ensaiou uma rica bomba atómica e trabalha noutra de hidrogénio — está em condições de dispensar aquilo que o sr. Jacques Soustelle definiu, assás eruditamente, por *armas convencionais*...

VAMPIROS Se a jovem leitora vivesse em Monteros, aprazível recanto a mil e quinhentos quilómetros de Buenos Aires, tinha abundantes possibilidades de, numa noite mais ou menos enluarada, lhe entrar pela janela um soberbo desconhecido de negra capa e chapéu desabado. Peripécias desta ordem são sempre agradáveis, mormente porque podia muito bem tratar-se duma reencarnação milagrosa de qualquer apaixonado célebre: Romeu Montecchio, Paolo Malatesta, o Conde de Villamediana, quem sabe mesmo se D. Juan Tenório ou Giulio Giacomo Casanova. Apenas sucede que a romântica aparição não lhe recitaria uma ode, nem lhe deporia no rosto indefeso um tímido e leve beijo de amor. Limitar-se-ia a chupar-lhe o pescoço vorazmente, sôfregamente, embebedando-se de hemoglobina; e depois, minha cara, em vez de se bater em duelo sob a arquitectura inspiradora da sua sacada, levantaria ferro aos gritos de «O vampiro! O vampiro!».

Curioso, não acha? A polícia, no entanto, reduziu esta pantomina brilhante a um cinzento lugar-comum, explicando que deitou a unha ao sugador de donzelas e esclarecendo que ele se chamava Florêncio Roque Fernandez, pedreiro, de 25 anos de idade, por alcunha «O caranguejo». E' a aridez documental do cartão de identidade que abrutalhadamente resolve um enigma subtil, róseo, quase etéreo; e é, sobretudo, a polícia que nos esmaga com a eficiência e o vigor dos seus métodos. A polícia vigia. A polícia prende. A polícia guarda-nos. E nós, agradecidos, reverentes, lamentamos: «Que pena ela não ter sabido liquidar todos os vampiros que, através da História, vêm sistemàticamente bebendo o sangue do próximo!»

PRÉMIO NOBEL Do Porto escreve-me um amigo a afirmar:

1.º — Que na secção «Crónicas Alegres» e a propósito do Prémio Nobel — 1960, pratiquei uma autêntica garotada a pedir surras, intentando meter a ridículo as figuras mais válidas da actual Literatura Portuguesa; 2.º — Que o Poeta Miguel Torga foi particularmente atingido no supradito arrazoado; 3.º — Que não se brinca com coisas sérias.

Passo a responder:

1.º — O livre exercício da caricatura não consta, por lapso, da Declaração dos Direitos do Homem; mas todas as pessoas que não sofrem de complexos o reconhecem, lembrando-se de que a hiperbolização de certos traços contribui, muito saudàvelmente, para a descoberta e correcção de algumas imperfeições a que nem os génios escapam.

2.º — Subscrevi, até, e só com o rubor do meu nenhum préstimo, a candidatura de Miguel Torga. E embora ignorasse, na altura, que podia vir a ser proposto qualquer outro escritor — o que imediatamente modificaria a minha posição —, a consciência não me acusa de ter cometido um dislate, um pecado, ou sequer um erro. Alinhavada a crónica em questão, parece que não soube distribuir setecentos e cinquenta gramas de má prosa em três rações de quarto de quilo; mas, se a maior parte coube a Miguel Torga, a culpa foi estrictamente da caneta — que não traz balança na ponta nem vale os copiosos patacos dum calculador electrónico. E é a única que tenho.

3.º — O veneno que me acusam de prodigalizar, extraí-o duns sensatos periódicos onde as várias facções do eleitorado literário, engalfinhadas, se desancaram rijamente; nada acrescentei da minha lavra, se não essa roupagem de chita que é o trôpego estilo dum cronista provinciano. E, por isso, julgo-me autorizado a perguntar:

— Terei sido eu a tratar uma coisa séria como brincadeira? Ou será o meu correspondente que, iludido, insiste em tomar uma brincadeira por coisa séria?

Jorge Mendes Leal

Hospedarias Aveirenses do Século XV

Continuação da primeira página

constituida, na sua maior parte, por «trautâtes e mareantes».

Hoje não é assim, se bem que, incrementado o progresso da cidade, muito principalmente pela reconciliação da terra com o mar, tendam a multiplicar-se os *mareantes* e ainda mais os *tratantes*. Para evitar possíveis confusões, esclarece-se o significado do arcaísmo: em atenção aos seus «trautos» — ajustes ou negócios — chamavam-se «trautâtes» os que se dedicavam ao comércio.

À falta de hoteis, os estranhos que, por exigências dos seus ofícios, demandavam a antiga vila, instalavam-se, por vezes abusivamente, nas casas dos seus moradores — e não faziam escrúpulo em «pousar» com viúvas ou com mulheres que traziam os maridos sobre as águas do mar.

Mas não só isso: regalavam-se com as caldeiradas de enguias, as espetadas de mexilhão e os demais acepipes da terra — e pagavam a mantença, não pela conta dos infelizes hospedeiros, mas pelo que aprazia às suas desenfreadas ganas.

Acrescendo à amenidade do clima e aos encantos da paisagem tão extraordinárias vantagens, os forasteiros sentiam-se em Aveiro como as feras dentro da selva ou os peixes dentro da água: em cada incursão — passe o termo, que tem muito de ajustado — demoravam-se por aqui uns sete ou oito meses.

Os procuradores da vila às cortes de 1498, zelosos dos interesses materiais e morais da sua terra, reagiram nobremente contra semelhantes abusos.

Não lhes ocorreu que a construção de um hotel de seis andares — ou até de menos... — poderia resolver vantajosamente os problemas que os preocupavam. Mas formularam sensatas reclamações, cujo deferimento estancaria todos os atropelos.

Os forasteiros deviam ser constrangidos a não «pousar» com viúvas ou com mulheres que tivessem longe os maridos — umas e outras indefesas e, por isso, dobradamente respeitáveis. Nada de aboletamentos forçados, nada de convivências perigosas, nada de chegar o lume à estopa: o brio dos aveirenses exigia que se defendessem a honestidade e o bom nome dos lares e se acautelassem os maridos ausentes contra possíveis infidelidades, sempre deploráveis, das consortes.

Além disso, os que por aqui se amesendavam deviam ser obrigados a pagar o pasto «pollo estado da terra», isto é, segundo o costume local ou, como hoje se diria, pela tabela de preços em uso. Nada de explorações indecorosas, nada de espoliações revoltantes, nada, em poucas palavras, de comer à custa alheia.

Tão justas eram as queixas e reivindicações dos dignos procuradores que o monarca, como lhe cumpria, logo as atendeu:

«*Ao que vos respondemos que nos praz e avemos por bem que os dictos Corregedores e alçados e seus officiaaes comam pollo estado da terra, nem pousem com viuvas, nem com molheres que nam teuerem os maridos na terra. E o al avemos ao presente por escusado*».

O restante — «o al», como se diz no documento — era o pedido de que os visitantes não fossem autorizados a permanecer na vila durante mais de vinte dias. Isto teve-o El-Rei, naquela altura, por desnecessário — e creio que muito avisadamente: era de esperar que os forasteiros, obrigados a alojar-se em «onestas pousadas» e a pagar «pollo estado da terra», refreassem apetites ilícitos e não causassem danos irreparáveis.

Substituidas as improvisadas hospedarias locais do século XV — tantas vezes inconvenientes — por elegantes e confortáveis hóteis e por austeras e asseadas pensões, os dignos procuradores às cortes de 1498 não solicitariam hoje, com absoluta certeza, limitações de tempo para a estadia das pessoas honradas que nos visitam.

Mas estou em crer que continuariam a pugnar, intransigentemente, pela defesa dos princípios morais que, há quatrocentos e sessenta e dois anos, determinaram os seus protestos.

É bom não esquecer que, sem o respeito desses princípios, desapareceriam as admiráveis virtudes que distinguem a generalidade dos aveirenses e tornam apetecível o seu convívio.

João Fernandes

Câmara Municipal de Aveiro

CONCURSO

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 12 do corrente mês, deliberou abrir concurso, pelo prazo de *vinte dias*, para o *fornecimento de quatro velocípedes com motor auxiliar, para os Serviços de Fiscalização*, devendo as propostas ser enviadas à Secretaria da Câmara, até às 14.30 horas do dia 11 próximo mês de Março, e ser efectuado o

Depósito de Garantia de . . 1 000$00

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara.

Paços do Concelho de Aveiro, 18 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Pela Câmara Municipal

Relatório da Gerência de 1959

Na segunda-feira passada, dia 15, o sr. Dr. Alberto Souto apresentou ao Conselho Municipal o Relatório da Gerência da Câmara, referente ao ano findo.

Depois de referir que *o ano de 1959 foi, essencialmente para nós, marcado pelas comemorações de primeiro milenário da existência de Aveiro e do segundo centenário da nossa elevação à categoria de cidade*, aquele importante documento — que, em breve, será publicado — analisa a acção municipal nos sectores da urbanização, obras e melhoramentos; do saneamento; dos desportos e diversões; da instrução e cultura; da acção social (auxílio às instituições de assistência e beneficência); da habitação popular; dos melhoramentos rurais; do turismo; dos serviços municipalizados; dos transportes colectivos; e das finanças.

A concluir, o Relatório, que foi aprovado pelo Conselho Municipal, e a que, mais de espaço, oportunamente faremos a apreciação circunstanciada que merece, insere um voto de louvor e agradecimento aos vereadores e vogais do Conselho Municipal que, por força da lei, cessaram as suas funções, *pelos serviços prestados ao Município e pela colaboração lealíssima e prestimosa com que ajudaram a gerência, sempre possuídos de um elevado patriotismo e inconcusso devotamento ao bem público e à dignificação da cidade e do concelho.*

Vice-presidente do Município

O *Diário do Governo* de anteontem refere que, a seu pedido, foi exonerado das funções de Vice-presidente da Câmara Municipal de Aveiro o sr. Dr. João Raposo, sendo-lhe conferido louvor pela competência, zelo e dedicação demonstrados no exercício daquele cargo.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 14, saíram para a pesca do bacalhau nos Bancos da Terra Nova e Groenlândia, com escala por Lisboa, os navios «Gasela Primeiro» e «António Pascoal».

Legião Portuguesa

Conforme anunciámos, realizou-se na passada quarta-feira, dia 17, a segunda sessão de trabalhos do Círculo de Cinema do Centro de Estudos Político-sociais de Aveiro.

A reunião, que foi dedicada à arte do cinema, realizou-se, à noite, no salão do Grémio do Comércio, vendo-se entre os assistentes, e além de outras individualidades, os srs. Coronel Diamantino do Amaral, Comandante Distrital da Legião Portuguesa; Dr. Fernando Marques, Governador Civil Substituto; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro; e Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu.

Antes da sessão cinematográfica, o Rev.º Padre António de Oliveira usou da palavra para comentar as películas incluídas no programa.

A próxima sessão realizar-se-à no mesmo local, no dia 9 de Março, e é dedicada ao estudo de música sinfónica.

Novo hotel em Aveiro

Em artigo do Dr. João Fernandes, que se dá à estampa na primeira página deste número, anuncia-se a construção de um novo hotel em Aveiro.

Podemos adiantar que a construção — grandioso e belo edifício de 6 andares, com rés-do-chão destinado a restaurante — comportará 78 quartos, todos com antecâmara e quarto de banho privativos. O projecto, que tivemos já ocasião de apreciar, inclui todos os requisitos da moderna hotelaria.

Será edificado em óptimo local: nos terrenos pertencentes ao sr. Dr. Manuel Esteves que confinam com o Café Avenida.

Tencionamos dar oportunamente mais pormenorizada notícia sobre este empreendimento a todos os títulos digno do maior incentivo.

Acto de honestidade

Pelo sr. José Caramelo, empregado do *Café Arcada*, foi, há dias, encontrada uma importante quantia, que prontamente entregou no Comando da P. S. P. de Aveiro, onde quem provar que a perdeu a poderá reclamar.

Embora o gesto do referido empregado de café não represente mais que um basilar dever de toda a pessoa honesta, o certo é que muito nos apraz referir e louvar a atitude do sr. José Caramelo — já que a soma encontrada era considerável e já que o seu acto, infelizmente, nem sempre é seguido hoje em dia.

No Teatro Aveirense

Exposição de Pintura

Tem sido muito visitada e apreciada a exposição colectiva de pintura que se mantém aberta ao público no salão de festas do Teatro Aveirense, e que oportunamente anunciámos nestas colunas.

Os quadros expostos discutem-se, tanto como as tendências estéticas dos seus autores — Zé Penicheiro, Vic, Gaspar Albino, Guerra de Abreu, Emanuel Macedo e José Paradela.

E' já alguma coisa esse interesse pelas actuais correntes artísticas que neste ensejo revela o público de Aveiro, a elas, normalmente, tão estranho.

Tuna Académica de Coimbra

Conforme tivemos já ensejo de anunciar, a famosa Tuna Académica de Coimbra dará um sarau, hoje à noite, no Atlântico Cine-Teatro, de Ílhavo.

E' grande o interesse pelo espectáculo, que será, sem dúvida, agradável testemunho de arte e juventude.

Sabemos que muitos antigos estudantes de Coimbra residentes em Aveiro estarão logo na ridente e vizinha vila para aplaudir os variados e sugestivos números do programa — e também... para recordar tempos idos, no agri-doce convívio com os estudantes de hoje.

Bailes

★ Hoje, Sábado Magro, a Banda Amizade oferece um Baile de Carnaval aos seus associados e famílias, nos salões do Cine-Teatro Avenida.

Colaboram a apreciada *Orquestra Ibéria*, de Aveiro, e o conhecido *Conjunto Swing*, de A'gueda.

★ No Sábado Gordo, dia 27, a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes promove, como nos anos anteriores, um Baile de Carnaval oferecido aos seus associados e famílias, no Teatro Aveirense.

Abrilhantam a festa a *Orquestra Danúbio*, de Aveiro, e o *Conjunto Musical das Tricanas d'Além*, de Águeda.

★ Também como já referimos, o Sport Clube Beira-Mar oferece, na segunda-feira de Carnaval, no Teatro Aveirense, um baile aos seus sócios e famílias.

Actuam, como igualmente noticiámos, as afamadas orquestras *Aloma*, de Aveiro, e *Imperial*, de Vagos.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — MODERNA. Domingo — ALA. Segunda-feira — MORAIS CALADO. Terça-feira — AVEIRENSE. Quarta-feira — SAÚDE. Quinta-feira — OUDINOT. Sexta-feira — MOURA.

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 12 do corrente mês, deliberou abrir concurso para a *Exploração do Pavilhão do Restaurante do Recinto da Feira de Março*, para o seu funcionamento, a partir do dia 25 de Março, início da Feira de Março, como restaurante, bar ou cervejaria, devendo as propostas serem remetidas à Câmara, até ao dia 3 do próximo mês de Março, pelas 14.30 horas.

As condições encontram-se patentes na Secretaria da Câmara.

Paços do Concelho de Aveiro, 18 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Câmara,
Alberto Souto

VENDE-SE

Casa em São Jacinto, frente à Ria. Bom rendimento. Falar a Elisiário Moreira Júnior, *Rua das Marinhas, 10* — Aveiro Telef. 23825

Pedreiros para Acabamentos

Competentes na execução de rebocos, esboços e assentamento de mosaicos, aceitam-se na obra da Construção de Casas de Renda Económica, *junto à Capela do Senhor das Barrocas.*

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje — A sr.ª D. Rosalina Rosa da Graça Pinheiro, esposa do sr. Sílvio Pinheiro Palpista; os srs. José de Albuquerque Coelho Fortes, Director de Finanças do Distrito de Viseu, Elias Abranches de Lemos, ausente em África, Rui Sousa Torres Villas, Vítor Jesus de Azevedo Couto e Manuel Abílio Faneco Marques; as meninas Maria Helena Ripoteiro Henriques dos Santos, filha do sr. José Henriques dos Santos, e Maria da La Salette dos Santos Rocha, filha do sr. José Augusto da Rocha; o menino Emanuel Moreira da Cunha, filho do sr. António Joaquim da Cunha; e a estudante Rosa Maria Figueira de Moura, filha do nosso distinto colaborador Dr. Frederico de Moura.

Amanhã — A sr.ª D. Minalda da Rocha Oliveira, esposa do sr. José Portugal; os srs. António Pimentel Monteiro e Silvério Joaquim Madail; e a menina Elvira Duarte Nunes de Oliveira, filha do 1.º Sargento de Manobras em serviço na Capitania de Lourenço Marques, Maurício Andrade Nunes de Oliveira.

Em 22 — A sr.ª D. Maria de Lourdes Marçal de Matos Leiria, esposa do sr. Dr. Luís Joaquim de Matos Leiria; os srs. Doutor Manuel dos Reis, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, e Dr. José da Cruz Neto; a menina Maria Lucília, filha do sr. José Portugal; e o menino José Manuel da Rocha Gonçalves, filho do sr. Joaquim Gonçalves.

Em 23 — Os srs. Aurélio Correia Rito e Manuel Gonçalves Caçola; e a menina Maria Teresa da Rocha Pereira Campos, filha do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior; e o menino Rui Manuel Bolhão Páscoa.

Em 24 — Os srs. Mário Gonçalves Andias, José Portugal, Artur José Lopes Lobo, Dr. Jaime Luís Neves, médico na Província do Niassa (Moçambique), e António Joaquim da Costa Pinho; a estudante Maria Manuela Morgado Avelino, filha do sr. Tenente João da Silva Avelino, ausente em Luanda; e as meninas Ana Lúcia, filha do sr. Raul Sá Seixas, e Maria José, filha do sr. Rui Sousa Torres Villas.

Em 25 — As sr.ªs prof.ª D. Carolina Patoilo Cruz, esposa do sr. António Simões Cruz, sócio e guarda-livros dos *Armazéns de Aveiro, L.da*, e D. Virgínia de Melo Campos Trindade Silva, esposa do 1.º Sargento sr. Luís Trindade Silva; o sr. Benjamim de Moura Carvalho; e a menina Zézinha Justiça, filha do sr. José da Silva Justiça, ausentes em Nova Lisboa (Angola).

Em 26 — As sr.ªs D. Maria Júlia Simões Amaro e D. Graciete Rebelo da Silva Ladeira.

FUNCIONALISMO

Tomou recentemente posse do cargo de Chefe de Secção de Processos do Tribunal do Trabalho de Aveiro o sr. Porfírio de Almeida Velez, que veio da 4.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Ao novo funcionário, que na capital deu provas de grande zelo e competência, desejamos as maiores felicidades profissionais e pessoais.

Francês

Senhora ensina prático, a crianças. Explica todos os anos para Liceu.

Nesta Redacção se informa.

Traspassa-se

O estabelecimento n.º 7 da Rua dos Mercadores, junto à Loja dos Jornais.

Viajante ou Angariador

Para trabalhar em pneus em Aveiro e Distrito.

Indicar idade, estado e condições em que deseja trabalhar e dando referências. **Fábricas LUSA — COIMBRA**

O Drama da Classe Média

Continuação da primeira página

gal de classes, onde não entra a luz da lógica, viceja e sofre, simultâneamente, a famigerada classe média — a tal que tem um drama, angustioso no dizer dos plumitivos. Todos conhecemos o conceito de média: quantidade que ocupa o meio entre várias. Por consequência, no aspecto económico, classe média será a que estiver equidistante das que assinalam o apogeu e o perigeu dos rendimentos. Um trabalhador rural ganha 20 escudos por dia; um argentário tem 20 contos de rendimento, ou o dobro, ou o triplo, na mesma unidade de tempo. Somam-se as duas parcelas e divide-se por dois. O quociente é a classe média? Querem maior absurdo? Todavia, seguiu-se escrupulosamente a semântica e aplicou-se com rigor o cálculo matemático. Mas o conceito de classe média, mais difundido aquém e além-fronteiras, criou-se menos em obediência a uma escala de proventos materiais do que em função de títulos e predicados caracterizadamente de ordem social. Que título e predicados? Todos quantos podem caber na designação genérica de categoria ou representação social. Por exemplo: a educação, a cultura, o nascimento, as relações sociais, a frequência de certos meios, etc.. Um pobre diabo que ganha um conto e quinhentos mensais — ou menos — a passar facturas num escritório comercial pertence «de direito» à classe média, se for fidalgo arruinado; se proceder das chamadas «boas famílias»; se for um cidadão bem educado; se tiver instrução acima do comum. Se tem encargos de família, é claro que não se aguenta no balanço. Mas teve «princípios» e todos o lamentam. É de olhos postos nele que se fala no drama da «classe média». Um mártir e um símbolo. Pelo contrário, um humilde trabalhador, excelente técnico no seu mister, pode auferir um salário superior ao de um chefe de serviços do Estado, que nem por isso terá ingresso na tal «classe média». O preconceito de casta levanta barreiras intransponíveis.

Dada a estranha simbiose do económico e do social, com predomínio do social, que o teorismo da classe média revela nas concepções generalizadas, este agrupamento surge-nos como espantosa miscelânia de pobretões e pequenos nababos, o que briga com toda a lógica. Uma classe média pressupõe outras classes, tanto no sentido ascendente como no descendente. Como estabelecer as fronteiras que as separam?

Suponha-se que se adopta um critério exclusivamente económico na identificação da classe média, com um mínimo e um máximo de proventos a demarcar as balizas do seu «espaço» social. Fixe-se o mínimo em quatro contos mensais e o máximo em catorze. Considere-se a classe formada por comerciantes, proprietários, oficiais do Exército, magistrados, chefes de repartição e directores-gerais de ministérios, técnicos de serviços do Estado, funcionários superiores de bancos e de empresas industriais, etc.. Ter-se-á descoberto a forma ideal de definir concretamente a classe média? Não. No que se refere ao nível de vida — e este é que marca a posição social do indivíduo, independentemente de quaisquer outras considerações — podemos assistir a contrastes flagrantes.

Um rendimento de quatro contos mensais é bastante para um casal sem filhos, mas insuficiente para uma família de dez pessoas.

Salta à vista a precaridade de qualquer conceito de classe inspirado numa simbiose do económico e do social. É artificiosa e convencional toda a divisão da grei em compartimentos dominados pelo espírito de casta. É o caso da classe média, de concepção mais sentimental que objectiva. Esta famigerada classe média, tal como pretendem inculcá-la alguns metafísicos da sociologia, não passa de um mito. Não há, portanto, um drama da classe média; há, simplesmente, dramas individuais.

Alves Morgado

Com o mesmo brilho dos anos anteriores, vão realizar-se em Ovar, amanhã e nos dias 25 e 28 do corrente e 1 de Março, importantes festejos carnavalescos, os mais alegres e divertidos do País.

Amanhã, Sua Magestade El-Rei Mamão IV, Sua Real esposa, a Rainha Mamona, e tantos altos dignitários da Corte, chegarão a Ovar para iniciar um reinado de folia, aguardado com grande impaciência por milhares de foliões. No dia 25, realizar-se-á, de noite, a importante marcha luminosa «Fogo de Máscaras» — um número de acentuado sabor popular e revestido do mais bizarro aspecto.

O domingo, dia 28, será o principal do Carnaval de Ovar. Desfilará o Grande Cortejo Carnavalesco, no qual se incorporarão dezenas de carros alegóricos, do mais fino gosto e sentido artístico, tripulados pelas mais lindas raparigas de Ovar — famosas pela sua beleza de ascendência fenícia —, dezenas de gigantones, centenas de cabeçudos e foliões, bandas de música, *Zés P'reiras* e bobos, numa parada maravilhosa e do mais belo efeito espectacular, plena de alegria e colorido.

No dia 1 de Março, terça-feira, desfilará, novamente, o cortejo de domingo, com todos os seus atractivos.

Em Ovar trabalha-se afanosamente e com o maior entusiasmo para erguer de novo o seu mais belo pendão turístico: o Carnaval, que todos os anos atrai à linda vila da beira-Ria uma multidão inumerável de forasteiros.

Ministro das Obras Públicas

Continuação da primeira página

mento no mesmo nível; ou uma sobreposição em ponte a nível superior para a ladeira da Rua de Caçadores Dez.

O sr. Dr. Alberto Souto ponderou aos srs. Ministro e Presidente da Junta Autónoma de Estradas a necessidade de uma variante para supressão das perigosas curvas de Aradas, na Estrada Nacional n.º 335, do alargamento da estrada de Ílhavo e da substituição das guias das faixas de rodagem, que, pelo seu mau estado, constituem hoje grande perigo para o trânsito.

A urbanização proposta pelos srs. arquitectos-urbanistas para o centro citadino (à volta da Ponte-praça) mereceu absoluta concordância, sem discussão.

O prolongamento ulterior da Avenida de Salazar para Nascente da Escola Industrial virá a ser feito sob a linha férrea, em túnel, o que não impede a próxima urbanização da zona que compreende os terrenos situados entre o Liceu e aquela Escola e o sítio da Fonte dos Amores e Rua de Ílhavo.

Ficou definitivamente assente o traçado da comunicação da Avenida de Salazar com as estradas do Sul, pelo mencionado sítio da Fonte dos Amores.

Sobre a urbanização da zona do Seminário não houve discussão, mas foi largamente discutida a urbanização correspondente à Praça do Milenário.

Foram estudadas algumas dificuldades derivadas da jurisdição da Direcção de Estradas do Distrito sobre algumas ruas da cidade, e o sr. Ministro das Obras Públicas preconizou a fórmula de coordenação necessária ao rápido andamento dos processos de construção de edifícios que careçam de licenças da Direcção de Estradas e da Câmara Municipal.

Aos srs. arquitectos-urbanistas sr. Eng.º Arantes e Oliveira pediu o compromisso de ultimarem os seus trabalhos até Maio próximo.

Ao almoço, a que assistiram as entidades atrás indicadas e o sr. Presidente da Câmara de Ílhavo, o sr. Dr. Alberto Souto saudou o sr. Ministro das Obras Públicas, que respondeu ao Presidente do Município com afirmações muito cativantes para Aveiro.

Seguiu-se uma visita à Ilha da Mó do Meio, onde, com os srs. Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e Engenheiro-Director do Porto, se estudou o plano rodoviário e a localização do cais acostável para a projectada travessia, em ferry boat, para S. Jacinto, segundo o esboço apresentado pela Junta Autónoma.

Efectuou-se, em seguida, uma visita ao monumento do molhe central da Barra e à obra da nova ponte da Gafanha e seus acessos. O sr. Ministro e os técnicos que o acompanharam a Aveiro foram, depois, inpeccionar os trabalhos de construção da variante entre Esgueira e a Praça do Eucalipto, em Aradas, bem como o terreno para o novo matadouro, e visitaram ainda o ainda o Museu Regional, a Praça do Milenário e proximidades.

O sr. Eng.º Arantes e Oliveira deslocou-se também ao Paço Episcopal, realizando, com o sr. Bispo de Aveiro e com o Presidente do Município, uma rápida entrevista sobre a urbanização à volta do Seminário e sobre a localização da futura catedral aveirense.

O sr. Ministro das Obras Públicas e os técnicos que o acompanharam na sua visita a Aveiro partiram para Lisboa no rápido da noite de domingo, tendo, da estação da C. P., uma despedida muito afectuosa.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

FUTEBOL

totalidade. Acreditamos piamente na competência do treinador e sabêmo-lo capaz de, mediante um reajustamento que não precisa de ser tão profundo quanto se pensa, levar o *onze* a outro estilo de carburação.

Indicativa de melhoria é a circunstância de, no passado domingo, apesar de tudo, os aveirenses terem resumido o seu labor numa toada mais aberta — ou antes, menos prolixa do que a habitual. Não devemos divorciar do facto as características mestras do novo número 10 — jogador diligente e rápido, conciso e de passe largo, que muita gente apeteceria ver com a camisola e a missão básica do número 8...

Dir-se-á que a força exibida pelos salgueiristas argumenta consideràvelmente em prol dos visitados — os quais equilibraram o prélio e, ao longo dele, sempre se demonstraram em condições de triunfar. Mas é tempo de se reconhecer que grupo, justamente porque se afirma senhor duma apreciável maturidade técnico-táctica, tem o direito e a obrigação de rejeitar ambições médias. São precisamente os frutos obtidos em dois anos de trabalho orientado, lúcido, proveitoso, que torna inadmissível todo e qualquer critério de estagnação.

M. L.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V	E.	D.	Bolas	P.
Salgueiros	18	12	2	4	45 - 17	26
Peniche	18	9	4	5	25 - 20	22
Sanjoanen.	18	10	1	7	39 - 29	21
Chaves	18	8	4	6	30 - 28	20
Beira-Mar	18	8	4	6	29 - 30	20
Marinhense	18	8	3	7	26 - 21	19
Caldas	18	7	5	6	29 - 29	19
Vianense	18	8	—	10	37 - 35	16
Oliveirense	18	7	2	9	40 - 39	16
Espinho	18	6	4	8	25 - 33	16
Torreense	18	7	1	10	34 - 35	15
Vila Real	18	5	5	8	36 - 43	15
Académico	18	4	6	8	29 - 50	14
União	18	6	1	11	28 - 43	13

Para amanhã

No Porto
SALGUEIROS - SANJOANEN. (2-3)

Em Viseu
ACADÉMICO - ESPINHO (2-2)

Em Chaves
CHAVES - PENICHE (0-1)

Em Torres Vedras
TORREENSE - MARINHENSE (1-1)

Nas Caldas da Rainha
CALDAS - UNIÃO (5-3)

Em Viana do Castelo
VIANENSE - VILA-REAL (1-2)

Em Oliveira de Azeméis
OLIVEIRENSE - BEIRA-MAR (1-1)

Registo do jogo

Estádio de Mário Duarte. Árbitro — Jaime Pires. Fiscais de linha — Anacleto Gomes (bancada) e Mário Martins (peão), todos da Comissão Distrital de Lisboa.

BEIRA MAR — Violas; Brito, Liberal e Evaristo; Marçal e Hassane Aly; Raimundo, Mota, Diego, Laranjeira e Correia.

SALGUEIROS — Abílio; Geninho, Gabriel e Arnaldo; Lopez e Chau; Lolo, Benje, Sampaio, Chico e Tai.

Golos — DIEGO, aos 41 m., pelo Beira Mar; e LALO, aos 62m., pelo Salgueiros.

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Do quarteto aveirense, três equipas encontram-se excelentemente postadas na tabela, depois dos encontros de domingo, em que Pejão e Feirense obtiveram resultados sensacionais, em Ovar e no Porto (Estádio do Lima), como se verifica do mapa dos desfechos apurados:

OVARENSE, 0 — PEJÃO, 2; ACADÉMICO, 3 — FEIRENSE, 4; VARZIM, 2 — AVINTES, 2; e ARRIFANENSE, 1 — LEÇA, 0.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Arrifanense	5	3	1	1	8-6	7
Pejão	5	2	2	1	10-7	6
Avintes	5	2	2	1	13 12	6
Feirense	5	2	1	2	12-11	5
Leça	5	2	1	2	8-7	5
Varzim	5	2	1	2	8-10	5
Académico	5	1	2	2	7-8	4
Ovarense	5	1	—	4	3-8	2

Jogos para amanhã:

Pejão-Leça, Feirense-Ovarense, Avintes-Académico e Varzim-Arrifanense.

XADREZ DE NOTÍCIAS

leibol, que se vão desenrolar, no dia 5 daquele mês, no novo Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira.

Para amanhã, no jogo com a Oliveirense, o concurso do keeper beiramarense Violas encontra-se muito duvidoso, dado que este valoroso atleta sofreu um desastre de viação no último domingo. Caso Violas, de facto, não possa alinhar, estreia-se oficialmente o guarda-redes Sidónio.

A Sociedade Columbófila de Aveiro, em sua recente Assembleia Geral, aprovou, por unanimidade, um voto de louvor ao «Litoral» — jornal que honra a cidade — por publicar, sempre que delas tem conhecimento, notícias sobre as actividades columbófilas /.../.

Gratos pela deferência e ainda pela oferta do seu calendário desportivo para o corrente ano.

A Federação Portuguesa de Ciclismo vai organizar novamente, e nos moldes dos anos anteriores, uma prova de verdadeiro interesse geral: a «III Grande Prova de Iniciação em Ciclismo», a que, mais de espaço, nos referiremos na próxima semana.

O antigo treinador beiramarense Daniel, que se encontra a orientar o Recreio de A'gueda, pretende assegurar o concurso da equipa de honra do Beira-Mar para um desafio, em sua homenagem, a realizar oportunamente naquela vila.

A Associação de Futebol de Aveiro organizou já o calendário dos jogos atrasados do Campeonato de Reservas, que começa amanhã a cumprir-se, com a efectivação, às 13 horas, do encontro Oliveirense-Beira-Mar.

Foi adiado o início dos torneios distritais de infantis e juniores, em basquetebol, que estava previsto para a semana passada, em virtude de se ter registado a desistência da Sanjoanense, em juniores. Anteontem, à noite, a Associação de Basquetebol de Aveiro deve ter procedido à elaboração de um novo calendário de jogos, depois de ter efectuado o necessário sorteio.

Notícia recentemente publicada no Correio de Azeméis dá-nos conta de que o antigo treinador da Oliveirense e actual orientador do Arrifanense, o antigo internacional Rui de Araújo, está a ser assediado, com vista à nova época, por dois clubes aveirenses. Fala-se mesmo da Sanjoanense e do Beira-Mar...

Discordando da efectivação dos encontros do Nacional da II Divisão com entradas francas e aos domingos de manhã, a Associação de Basquetebol de Aveiro enviou à Federação respectiva uma circunstanciada exposição em que defende aqueles pontos de vista.

Hoje, pelas 21 horas, numa cerimónia a que assiste o Presidente da Comissão Central de A'rbitros de Futebol, realiza-se o acto de posse da nova Comissão Distrital dos A'rbitros de Futebol de Aveiro.

Armando Azevedo, valoroso hoquista que na época finda representou o Galitos, regressa este ano à Sanjoanense, onde, aliás, se iniciara.

O encontro Beira-Mar-Salgueiros, disputado no último domingo, rendeu 60 515$00 — ficando a constituir a partida que, a seguir ao jogo Beira-Mar-F. C. Porto maior receita proporcionou.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

9.ª jornada

SANJOANENSE - FEIRENSE 2-0
LAMAS - ESPINHO 3-2
CUCUJAES - BEIRA-MAR . 3-2
RECREIO - OLIVEIRENSE . 4-2

Cucujães, 3 — Beira-Mar, 2

Sob arbitragem do sr. Eduardo Paiva Carvalho os grupos apresentaram:

Cucujães — Domingos; Andrade, M. Resende e Barbosa; Silva e Vitória; F. Resende, Oliveira, Licínio, Almeida e Sá.

Beira-Mar — Augusto; Ferreira, Lourenço e Maio; Cravo e Carapina; Ruano, Abílio, Gino Carlos e Cete.

Com um onze improvisado à última hora, por falta de vários titulares, os beiramarenses tiveram mesmo de utilizar a extremo esquerdo o seu *keeper* habitual!

Todavia, a vitória só lhes fugiu porque o árbitro assim o determinou, prejudicando altamente os jovens beiramarenses, que se cotaram como melhores que o seu opositor.

A marcha do resultado: *F. Resende* fez 1-0 e *Carlos* igualou. *Oliveira* conseguiu 2-1 para o Cucujães, mas novamente *Carlos*, de grande penalidade, colocou os grupos empatados. Finalmente, e também de *penalty* (inventado pelo juiz de campo, refira-se...) o Cucujães passou a marca final para 3-2.

CLASSIFICAÇÕES

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	7	6	1	—	37 - 7	20
Espinho	7	4	1	2	16 - 9	16
Feirense	8	3	1	4	12 - 17	15
Lusitânia	7	2	—	5	16 - 23	11
Lamas	7	1	1	5	9 - 33	10

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	7	7	—	—	33 - 7	21
Beira-Mar	8	3	1	4	16 - 14	15
Ovarense	6	2	2	2	10 - 12	12
Oliveirense	6	1	2	3	5 - 10	10
Cucujães	7	1	1	5	8 - 29	10

Jogos para amanhã:

Lusitânia-Lamas (8-2) e Espinho-Sanjoanense (0-4), na *Série A*; e Ovarense-Recreio (2 3) e Oliveirense-Cucujães (3-0), na *Série B*.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

Faz-se saber que no processo de execução sumária de letra, pendente na 2.ª Secção de processos do 1.º Juízo de Direito da Comarca de Aveiro, em que é exequente António Ferreira de Pinho, casado, carpinteiro, residente em Esgueira, e executados José Morgado, viúvo, capataz, residente na Forca, de Aveiro, e outros, vão à praça, no Tribunal Judicial desta Comarca, no dia 24 de Março próximo, pelas 10 horas, para serem arrematados pelo maior preço oferecido, os seguintes imóveis, penhorados ao executado José Morgado:

1.º — Um prédio de casas, sito na Presa, freguesia da Vera-Cruz, inscrito na matriz sob os art.os 1 277 e 1 278, com o valor matricial de 9 214$00, e descrito na Conservatória do Registo Predial de Aveiro sob o n.º 38 352;

2.º — Morada de casas térreas com páteo e mais pertenças e quintal, sita na Presa, freguesia da Vera-Cruz, inscrita na matriz sob o art.º 1 279, com o valor matricial de 2 280$00, e descrito na referida Conservatória sob o n.º 33 918;

3.º — Terreno a mato no Passadouro ou Quinta Nova, limite do lugar da Quinta do Gato, freguesia da Glória, concelho e Comarca de Aveiro, inscrito na matriz sob o art.º 2 002, 5 7, com o valor matricial de 4 560$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 38 338;

4.º — Pinhal sito na Quinta Nova, no lugar da Presa, da referida freguesia da Glória, inscrito na matriz sob o art.º 2 019, com o valor matricial de 390$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 22 047;

5.º — Terra lavradia com enteste de mato, na Quinta da Patela, limite de Presa, da referida freguesia da Glória, inscrita na matriz sob os art.os 2 035, 2 045, 2 046 e 2 047, com o valor matricial de 35 940$00, e descrita na Conservatória sob o n.º 15 823;

6.º — Terreno a pinhal e mato na Quinta Nova, limite do lugar da Quinta do Gato, da referida freguesia da Glória, inscrito na matriz sob os art.os 3 137 e 3 138, com o valor matricial de 11 220$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 38 000;

7.º — Terreno que já foi pinhal sito na Cascôrra, limite do lugar e freguesia de Esgueira, do concelho e Comarca de Aveiro, inscrito na matriz sob o art.º 5 246, 4/9, com o valor matricial de 3 750$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 42 860;

8.º — Terreno lavradio na Presa, freguesia da Vera-Cruz, inscrito na matriz sob os art.os 1 055 e 1 056, com o valor matricial de 7 140$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 38 353;

9.º — Um terreno, onde existiu uma casa de habitação, sito na Patela, Quinta Nova, freguesia da Glória, sendo a dita casa inscrita na matriz sob o art.º 1 487, com o valor matricial de 3 888$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 44 794;

10.º — Casa de habitação e terreno anexo, sita na Estrada da Patela, freguesia da Glória, inscrita na matriz sob o art.º 1 811, com o valor matricial de 85 530$00, e descrita na Conservatória sob o n.º 44 795, mas cujo valor haverá de ser diminuido do valor do prédio que a seguir se identifica;

11.º — Casa de rés-do-chão com duas moradias, no caminho da Patela, freguesia da Glória, inscrita na matriz sob aquele mesmo art.º 1 811, com valor matricial incluido no valor do prédio identificado sob o n.º 10, e descrito na Conservatória sob o n.º 44 796;

12.º — Casa de rés-do-chão com duas moradias, no caminho da Patela, freguesia da Glória, inscrita na matriz sob o art.º 1 812, com o valor matricial de 82 944$00, e descrita na Conservatória sob o n.º 44 797; e

13.º — Terreno inculto destinado a construção urbana, sito na Patela, freguesia da Glória, inscrito na matriz sob o art.º 3 376, com o valor matricial de 192$00, e descrito na Conservatória sob o n.º 44 798.

Os imóveis referidos sob os n.os 1 e 8 serão postos em praça conjuntamente pelo valor global de 16 354$00; e os imóveis referidos sob os n.os 3, 4, 6, 10, 11, 12 e 13 serão postos em praça também conjuntamente e pelo valor global de 184 836$00.

Aveiro, 16 de Fevereiro de 1960

O Juiz de Direito,
Francisco Mendes Barata dos Santos

O Chefe de Secção,
José Maria Bettencourt

Litoral ★ Aveiro, 20-II-1960 ★ N.º 278

Da minha janela...

3 *A Asssociação de Ciclismo de Aveiro fez disputar as suas primeiras provas, registando-se a presença de representantes do Sangalhos — primeiro triunfador — da Ovarense, e da Oliveirense, de Oliveira do Bairro.*

Estamos convencidos de que o Distrito de Aveiro tem capacidade para se impor num futuro mais ou menos próximo, dada a propensão dos seus habitantes para a bicicleta.

Repare-se nos concelhos da Feira e de Espinho que já deram elementos como Sousa Santos, Sousa Cardoso, Mário Sá, Alberto Carvalho, Joaquim Carvalho e outros que de momento a memória não lembra. Se juntarmos a estes os nomes consagrados de Sangalhos e a promessa de João Gomes, da Ovarense, teremos uma ideia do valor que o ciclismo distrital já possui.

CICLISMO

seis ciclistas, que efectuaram o seguinte percurso — Sangalhos, Aveiro, Águeda, Malaposta e Sangalhos, numa distância de 60 km..

A ordem da chegada foi a seguinte:

1.º — Manuel Amorim (Ovarense), 2h. 14m. 45s.; à média de 28,940; 2.º — António de Oliveira (Ovarense), m. t.; 3.º — Fernando Cerdeira (Oliveirense), m. t.; 4.º — Fernando Santos (Sangalhos), m. t.; 5.º — Manuel de Sousa (Sangalhos), m. t.; 6.º — Joaquim Marreca (Oliveirense), 2h. 15m. 5s..

Amanhã, a Associação de Ciclismo de Aveiro organiza a *I Prova de Preparação*, igualmente reservada a iniciados, amadores juniores e independentes.

As saídas e as chegadas realizam-se em Ovar, estando as largadas previstas para os seguintes horários:

Iniciados — 75km., no percurso Ovar, Esmoriz, Picoto, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Estarreja e Ovar — às 9 h.. *Amadores-juniores* — 90 km., no percurso Ovar, Esmoriz, Picoto, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Angeja, Estarreja e Ovar — às 8.30 h.. *Independentes* — 130 km, no percurso, Ovar, Esmoriz, Picoto, Oliveira de Azeméis, Águeda, Aveiro, Estarreja e Ovar — às 8h..

A Associação de Ciclismo de Aveiro iniciou a sua actividade

O famoso campeão Alves Barbosa, que venceu, no domingo, a primeira prova da Associação de Ciclismo de Aveiro

FUNDADA há pouco mais de um mês — precisamente em 4 de Janeiro findo — a jovem Associação de Ciclismo de Aveiro iniciou já a sua actividade oficial, tendo promovido no pretérito domingo, de acordo com o que no último número anunciámos, a *Prova de Abertura da Época de 1960.* Compareceram ciclistas de três categorias (independentes, amadores juniores e iniciados), em representação de três colectividades: Oliveirense (de Oliveira do Bairro), Ovarense e Sangalhos, facto que se deve realçar devidamente.

A manhã, extremamente fria, impediu, naturalmente, obtenção de médias elevadas; mas, assim mesmo, são de relevar as obtidas pelos independentes e pelos amadores-juniores, já que elas são, na realidade, muito exalçáveis, sobretudo em começo de época.

★ Os velocipedistas independentes, todos do Sangalhos, percorreram 110 km.. Saíram de Sangalhos, por Aveiro, Estarreja, Oliveira de Azeméis, Águeda e Malaposta, regressando a Sangalhos, onde se apurou a seguinte classificação:

1.º — Alves Barbosa, 3h. 7m. 25s.; à média de 35,851; 2.º — Antonino Baptista, 3h. 7m. 40s.; 3.º — Aquiles dos Santos, m. t.; 4.º — José Calquinhos, 3h. 20m. 10s.. Fernando Henriques da Silva desistiu, próximo da meta.

A prova foi muito interessante, sobretudo pela luta entre os três primeiros, dado que Alves Barbosa apenas conseguiu fugir nas imediações da meta.

O valoroso sangalhense Aquiles dos Santos, quando, há anos, falava ao Litoral, *depois de vencer o* Circuito de Aradas

★ O percurso dos amadores juniores era de 75km., através de Sangalhos, Aveiro, Angeja, Albergaria-a-Velha, Águeda e Malaposta, com regresso a Sangalhos. Compareceram, à saída, 14 ciclistas, apurando-se a seguinte classificação:

1.º — Antero Elias (Sangalhos), 2h. 19m. 25s., à média de 34 853; 2.º — Armando da Conceição (Oliveireirense), m. t.; 3.º — João Gomes (Ovarense), 2h. 19m. 38s.; 4.º — Lino Santiago (Sangalhos), 2h. 19m. 50s.; 5.º — Laurentino Mendes (Ovarense) m. t.; 6.º — Américo Castanheira (Sangalhos), 2h. 20m. 15s.; 7.º — António Ferreira (Sangalhos), 2h. 20m. 30s.. Classificaram-se ainda mais quatro concorrentes, tendo desistido sòmente três estradistas. A prova decorreu sempre com invulgar interesse.

★ Em iniciados, saíram e chegaram

Continua na página 7

Continuamos debaixo de grande invernia. À chuva sucedeu o frio, mas por pouco tempo. Coincidindo com a explosão atómica dos franceses, apareceu de novo a chuva, desta vez com maior intensidade. De tal maneira, que mal se pode vir à janela, quanto mais à rua...

Da minha janela...

1 *Lemos algures que a nossa representação, em Remo, nos Jogos Olímpicos que se avizinham, se limita a uma tripulação de «shell» de quatro. Não sabemos se foi a Organização dos Jogos ou se foram os nossos dirigentes quem tomou tal medida. Lamente-se, contudo, a falta dos nossos remadores em «shell» de oito, pois, assim, ficamos privados de participar nas regatas mais espectaculares dos Jogos Olímpicos de Roma.*

2 A partida de futebol que beiramarenses e salgueiristas sustentaram no Estádio de Mário Duarte é das que ficam gravadas na memória de todos quantos a ela assistiram. Ao esforço e à correcção dos atletas correspondeu o público, com carinho e incitamentos. Para o facto muito contribuiu, além do nível técnico do jogo, a arbitragem de Jaime Pires, de Lisboa, que quase passaria despercebida senão fora a exorbitância dos seus gestos teatrais.

Registe-se ainda o magnífico «suspense» dos últimos momentos do encontro, que só não terminou em explosão de alegria porque a sorte nada quis com os aveirenses, negando-lhes os seus favores no lance derradeiro.

Continua na página 7

BASQUETEBOL

RESULTADOS Prosseguiu, com os desafios da segunda jornada, a disputa do Campeonato Nacional da II Divisão. Sòmente o encontro Sanjoanense — Galitos não se realizou no domingo, por acordo, em virtude do Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira se encontrar ocupado com os desafios dum torneio internacional de hóquei em patins.

Eis a lista dos resultados:

Subsérie A-1

LEÇA, 54 — SPORT, 40; FLUVIAL, 67 — SPORTING FIGUEIRENSE, 26; e ESGUEIRA, 37 — SALESIANOS, 26.

Subsérie A-2

BOAVISTA, 21 — OLIVAIS, 49; e GUIFÕES, 48 — EDUCAÇÃO FÍSICA, 40.

ESGUEIRA, 37 SALESIANOS, 26

Jogo no Campo da Alameda, sob arbitragem dos aveirenses Manuel Neves e Mauuel Bastos. Os grupos apresentaram:

Esgueira — 13 cestas e 11 lances livres transformados em 22 tentados (50 %) — Ravara, Raul 4, Pereira 3, Valente 20, Américo 8, Matos, Salviano 2 e Júlio.

Salesianos — 9 cestas e 8 lances livres transformados em 22 tentados (36,36 %) — Jorge 1, Lima 2, Coimbra 2, Duarte 4, Queirós 5, Júlio 11, Álvaro e Coelho 1.

Mesmo sem atingirem o rendimento de que mostraram ser capazes, os visitantes (que conquistaram o 3.º lugar no Campeonato do Porto) deixaram excelente impressão, dando permanente interesse ao desafio com os vice-campeões aveirenses.

Com comando alternado da marcação, até aos 14-14, o Esgueira adiantou-se, à beira do intervalo, atingindo 17-14.

No segundo tempo, os Salesianos tomaram a dianteira, nos primeiros instantes. Mas os esgueirenses reagiram bem e irresistìvelmente, e, conseguido que foi a igualdade a 23 pontos, não mais encontraram problemas...

A arbitragem esteve certa, e o jogo foi extremamente correcto e agradável.

Jogos para a 3.ª jornada

Salesianos — Leça, Sport — Sporting Figueirense e Fluvial — Esgueira, na **Subsérie A-1.**

Educação Física — Sanjoanense, Galitos — Olivais e Boavista — Guifões, na **Subsérie A-2.**

Xadrez de Notícias

SÃO Foram definitivamente marcadas as datas das diversas provas a realizar no decurso dos Jogos Luso-Brasileiros. No nosso Distrito, além do Remo — cujas regatas se efectuam em Aveiro em 6 e 7 de Agosto —, teremos ainda as competições de Andebol de Sete e Vo-

Continua na página 7

Com vista à «Soberania do Povo»

No número 6076 (Ano 82) da «Soberania do Povo», de A'gueda, que saiu em 6 do corrente mês, encontra-se uma breve referência ao jogo de futebol realizado em Aveiro entre o Beira-Mar e o Recreio, a contar para o Campeonato Distrital de Juniores.

A notícia está pèssimamente redigida e é altamente ofensiva.

Atribuindo aos jogadores aveirenses, aliás sem razão, tudo o que houve de deplorável no encontro, o cronista, depois de uns **mimos** semelhantes, termina deste modo:

Nunca criticamos a direcção do Recreio mas hoje não podemos de o deixar de o fazer. *(sic)* Directores: os senhores foram infelizes em escolher o vermelho para cor das camisolas dos vossos atletas. Não vedes que o vermelho enfurece as bestas...

Claro está que não vamos responder no mesmo estilo, e nem sabe iamos fazê-lo. Queremos apenas lamentar que a «Soberania do Povo», um Jornal que usa ser correcto, permita nas suas colunas agravos desta natureza.

Estamos seguros de que os ilustres directores do conhecido semanário vão oferecer ao seu cronista desportivo uma **Gramática**, para que aprenda a respeitar os direitos da nossa doce língua, e um **Manual de Civilidade**, para que aprenda a respeitar as pessoas.

Campeonato Nacional da II Divisão

FUTEBOL

COMENTÁRIO GERAL

EMPATANDO em Aveiro e beneficiando grandemente com a quase totalidade dos desfechos apurados nos restantes desafios, o Salgueiros foi bem a vedeta número um da jornada, cimentando melhor o seu avanço sobre os mais próximos competidores. E de tal modo o fez, que cremos bem que os pupilos de Artur Baeta estão a um passo da I Divisão.

Outra vedeta foi, sem dúvida, o grupo de Torres Vedras, pelo magnífico êxito — autêntica desforra — que conquistou em Peniche, fazendo tremer o invejadíssimo segundo lugar dos homens da vila piscatória.

Do lote dos concorrentes melhor situados para esse assalto, a Sanjoanense, vencedora tranquila dos visienses, é que se encontra mais próximo, a um ponto sòmente, já que o Chaves, por perder em Espinho, foi ultrapassado pelos sanjoanenses e igualado pelo Beira-Mar. Mas há que ter em conta as aspirações de flavienses, aveirenses, caldenses e até dos marinhenses... Nos restantes postos, refira-se o precioso triunfo do Marinhense sobre o Caldas, a desfazer o 0-0 da primeira volta, e ainda o facto dos três últimos ganharem os respectivos encontros: o União ao Vianense, o Vila Real à Oliveirense e o Torreense, como se referiu, ao Peniche.

Saliente-se ainda a descida do Académico (que nos dois últimos desafios sofreu uma dúzia de golos e apenas obteve um tento) ao penúltimo posto; e a subida do Espinho para a companhia da Oliveirense e do Vianense. Foram, sem dúvida, factos dignos de realce, se bem que, pelo decorrer da prova, possam não ter significado de maior no cômputo final.

O torneio entrou numa fase de intenso interesse, pelo que cada um dos sete desafios que semanalmente se efectuam ganha foros de sensacionalismo e de importância desmedida.

no 18.º DIA

Sanjoanense, 6 — Académico, 0
Espinho, 1 — Chaves, 0
Peniche, 0 — Torreense, 1
Marinhense, 1 — Caldas, 0
União, 4 — Vianense, 1
Vila Real, 5 — Oliveirense, 3
Beira-Mar, 1 — Salgueiros, 1

Beira-Mar, 1 - Salgueiros, 1

COMENTÁRIOS DE M. L.

Ansiosa por verificar a decantada capacidade da turma do Salgueiros, acorreu ao Estádio Mário Duarte grande multidão. E, diga-se desde já, a expectativa não foi iludida — nem pelo que toca ao valor dos visitantes, nem pelo que simplesmente concerne à partida em si. Na verdade, os salgueiristas, apresentando uma equipa coesa, disciplinada, fìsicamente eufórica, cotaram-se como o grupo mais apetrechado que durante este campeonato evolucionou em Aveiro e exigiram dos donos da casa tarefa de tomo.

Pergunta-se: — Até que ponto essa tarefa se cumpriu satisfatòriamente? O Beira-Mar, sem dúvida, deu boa conta das suas possibilidades, movimentando-se no terreno com desenvolta consciência estratégica e definindo, uma vez mais, a globalização racional do seu sistema; só aconteceu que, também uma vez mais, o seu calcanhar de Aquiles se identificou com uma singular inoperância do quinteto dianteiro e um pendor complicativo que dessora toda a produção de jogo — fragmentando-o, esmiudando-o, sujeitando-o aos vários acidentes que necessàriamente surgem a interromper uma imbricada teia de mil passes. Acrescente-se a isto, por notório, o desentendimento aflitivo da asa direita — onde o extremo, constantemente fora da posição ideal, parece viciado na procura de bolas que o interior foge de lhe entregar — e ter-se-á o escopo das deficiências em causa. Elas ganharam, ùltimamente, maior relevo, ainda, porque a morosidade do avançado-centro e a utilização, na ponta esquerda, dum elemento tìpicamente da grande área, desgostaram o público demasiadamente — o que não significa dizer, como é óbvio, que ele tenha razão na

Continua na página 7

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

Litoral ★ Aveiro, 20-II-1960
Ano VI • Número 278 • Avença

Ex.mo Sr.
João Sarabando